



# Nova Silva

REVISTA ILUSTRADA sob a direcção de Leonardo Coimbra, Jaime Cortesão e Álvaro

REDACÇÃO e ADMINISTRAÇÃO—Rua de Santa Catarina, 438

GRAFIA—Imprensa Civilização—Rua de Passos Manuel, 215.

OFICINA DE GRAVURA—Cristiano & Nunes.

EDITOR—Carlos Gonçalves

## MILITARISMO PROFISSIONAL

(a propósito do caso H. Cristo)



— Diz-se que ele recuzára bater-se, baseado na lojica dos seus principios.  
Lógica! ... E a lojica do cabro?

## SUMÁRIO

- I—Militarismo profissional—*desenho*—de Cristiano de Carvalho.  
 II—Gomes Leal—*desenho*—de Jaime Cortesão.  
 III—A Canalha—*poesia*—de Gomes Leal.  
 IV—Professores—por Leonardo Coimbra.  
 V—Olhos nos olhos—*poesia*—de Jaime Cortesão.  
 VI—Traidores e covardes—por Alvaro Pinto com *desenho* de Verjilio Ferreira.  
 VII—Soneto—de Campos Lima.  
 VIII—Vulgarização doutrinária—L'avenir—por Victor Hugo com *desenho* de Jaime Cortesão.  
 IX—Escola Livre.  
 X—Bibliografia—por Januário Leite e Jaime Cortesão.  
 XI—Vária.  
 XII—Caricaturas—de Verjilio Ferreira.



## A CANALHA

Eu vejo-a vir ao longe perseguida,  
 Como dum vento lívido varrida,  
 Cheia de febre, rôta, muito além...  
 —Pelos caminhos ásperos da História—  
 Enquanto os Reis e os Deuses entre a glória  
 Não ouvem a ninguém.

Ela vem triste, só, silenciosa,  
 Tinta de sangue, pálida, orgulhosa,  
 Em farapos, na fria escuridão...  
 Buscando o grande dia da batalha.  
 —É ela! É ela! A lívida Canalha!  
 Kain, é vosso irmão!

Êles lá vêm famintos e sombrios,  
 Rotos, selvagens, abanando os frios,  
 Sem leite e pão, descalços, semi-nus...  
 Nada jamais, sua carreira abranda,  
 —Fizeram Roma, a Inglaterra e a Holanda,  
 E andaram com Jesus.

São os tristes, os vis, os oprimidos.  
 —Em Roma são marcados e batidos,  
 Passam cheios de vastas aflições  
 Nem das mesas lhes deitam as migalhas.  
 Morrem sem nome, às vezes, nas batalhas,  
 E andam nas sedições.

São os párias, os servos, os *ilotas*  
 Vivem nas covas úmidas, ignotas,  
 Sem luz e ar; arrancam-lhes as mães,  
 —Passam curvados, nas manhãs geladas,  
 E, depois de já mortos, nas calçadas,  
 Devoram-os os cães.

Êles vêm de mui lonje... vêm da História  
 Frios, sinistros, maus como a memória  
 Dos pesadelos trágicos e maus...  
 —Eu oiço os reis cantando em suas festas!  
 E *êles, êles*—maiores do que as florestas—  
 Chorarem nos degraus!

—Alguns dormem em covas quais serpentes  
 Viveram, entre os povos, e entre as gentes,  
 Vergados dum remorso solitário...  
 —Sabem, de cor, os reinos devastados!  
 E, vieram, talvez, ensanguentados  
 Da noite do Calvário!

Têm trabalhado, ocultos, noite e dia,  
 O' reis! O' reis! as luzes da orjia  
 De súbito, que vento apagará:  
 —Corre no ar um éco subitâneo...  
 E escuta-se, no seu subterrâneo,  
 O riso de Marat!

Gomes Leal.



## Professores

—

Agora que esta dessorada mocidade portuguesa parece, vencido o marasmo secular, querer levantar-se ciosa das suas prerrogativas e consciência dos seus deveres, vem ao propósito corrente uma investigação da validade do ensino oficial. Arredados a um canto da Europa, desconfiados e rotineiros, rebeldes a progressos inovadores, pachorentos e madraços, resistimos heroicamente ás solicitações do mundo civilizado. Assim, enquanto o ensino oficial estrangeiro vai sofrendo as modificações exigidas pela evolução do critério filosófico, o ensino português vive ainda nos moldes e processos metafísicos.

O ensino escolástico e enfatuado fabricando papagaios e meninos prodijios é hoje a característica do senso pedagógico oficial. Pondo de parte a rançosa faculdade de direito e indo procurar o critério dominante no ensino das ciências de aplicação é ainda evidente o mesmo espírito de *paroleiros* superficiais e pretenciosos. O nosso engenheiro, vencido pelo tino de qualquer construtor de província, é no entanto, um prodijioso dicionário de todas as ciências.

O nosso médico, afastado da observação aturada, destituído da intuição, que a reflexão quotidiana, sobre exemplares palpitantes cria, sai das escolas trôpego, tímido, falho daquela decisão instantânea que, no momento

*preciso*, é a característica das altas individualidades profissionais.

Este descalabro do ensino resulta do recrutamento empírico e casual do professorado. O professor é procurado, não entre aqueles que garantam o mérito pedagógico por provas concretas dadas num proveitoso curso de ensino; mas entre aqueles, que, em fantásticas provas públicas, apresentarem maior número de conhecimentos quantas vezes fortuitos e acidentais.

Quem mais sabe, melhor pode ensinar—é o princípio falsíssimo e ridículo que determina a escolha do professorado. Depois o professor, que, de salto, galgou toda uma tarimba, pertinazmente demorada para outras profissões, é naturalmente levado a julgar-se perfeito e adormece nas delícias de Cápua duma vida pacata e regalada. Quando um aluno permanece renitente á assimilação dum assunto mal exposto, o professor perfeito atribui a falta de aptidões do explicando àquilo que é sempre e sómente ausência de faculdades pedagógicas no explicador. Obrigado a uma vasta, desconexa e difusa erudição, sem possibilidade de aprofundar e metodizar uma especialidade, este moderno *sábio da Grécia* ensina indiferentemente qualquer ciência. Sem o amor pela profissão que sómente a convivência íntima e demorada duma especialidade lhe poderia dar, vê nela apenas um modo de ganhar a vida, que acaba por se lhe tornar impertinente e maçador.

Os professores hoje são governadores civis, deputados, chefes de repartições, em disponibilidade. Os ministros são professores em disponibilidade. Quando um govêrno sobe uns reverterem a lentes, outros saem para governadores civis.

O último ministério, por pouco, despovoava as cátedras. Ao mesmo tempo, em Espanha, Ramon y Cajal respondia a uma oferta política: *não tenho tempo para essas coisas.*

Leonardo Coimbra.

## INSTANTANEOS



António Coimbra

## OLHOS NOS OLHOS

Olhos dum tom escuro, verde-garço,  
afogados em líquida doçura...  
que envolvem como um nimbo esparso  
dum Céu que não fulgura...;

Olhos crepusculares, enlanguecidos,  
nadando em luz dum fogo que não arde...  
úmidos olhos esbatidos  
tal como a luz da tarde...;

Olhos descondensados como as brumas  
e que não têm doçura que os exceda,  
mais brandos que um frouxel de plumas,  
mais macios que seda...;

Olhos de sombra, que o mistério invade  
e que nenhuma flor submerjida  
de veludinea escuridade  
tomaram luz e vida...;

Olhos sombrios, inda mais, por terdes  
olheiras roxas, sobrançelas pretas...  
como esquecidos lagos verdes  
em bosques de violetas...;

Olhos brandos, por mais que em vão persista  
não extingo o prazer de vos fitar:  
deixai que eu deite, a minha vista  
no setim' dêsse olhar!

Olhos nos olhos!...  
Se o meu olhar detenbo  
invade-me um dilúvio de carícias,  
como se o peito fosse a tomar banho  
num lago de delícias.

Extinguem-se em redór os vãos aspectos  
e os vultos materiais  
espiralando em rápidos trajectos  
tenuísimos sulcos visionais;  
surje uma ténue e fúljida neblina  
num mórbido horizonte  
e sinto que uma auréola divina  
me vem banhar a fronte.  
O fluidico filtro dêsse olhar  
ao transfundir-se dentro do meu ser  
entra a descondensar,  
emerjir, demover  
os meus sentidos mudos,  
que exaltados atinjem  
âjeis, finos, reveis, hiper-agudos  
a rápida loucura da vertijem.  
Apenas revestiram forma etérea  
e ondeio fujido  
surjem, tais fogos fátuos, da matéria,  
num doido desvario.  
Vestidos duma forma independente  
em rápidas, febris ondulações  
deliram no ambiente,  
criando iluminadas impressões.

Olhos nos olhos!...  
E muito mansamente  
por uma via-láctea transcendente,  
orvalhada de rosas,  
vai um bando de débeis querubins,  
conduzindo nas frentes luminosas  
grinaldas de jasmíns.  
Ao dúlcido meneio do andar,  
adejo subtil,  
que mal aflora o ar,  
o anjélico bando juvenil  
vai desferindo notas arjentinas,  
alijeros acordes de volata  
e suspiros e ais  
do seio dumas flautas cristalinas,  
de cítaras de prata  
e luths divinais.

A pouco e pouco veio  
 ao flébil extinguir da serenata  
 vestir a alma um melodioso enleio.  
 Ao longe o bando aéreo reproduz  
 curva que se desata  
 e paira em torcicolos de luz  
 cujos contornos vão cada vez mais  
 a desmaiar em cérula penumbra,  
 enquanto dos acordes musicais  
 do bando que no ar mal se vizlumbra  
 inda agonizam como ró as f'ridas  
 em arrancos saudosos,  
 débeis vozes sumidas  
 e lânguidos suspiros amorosos!

Olhos nos olhos!...  
 já que esse olhar me inspira,  
 como a flama do ardor que me devora  
 ou como a asa aberta que se atira  
 irei assim, céu-fóra.

Ainda os mais subtis dos meus desejos  
 de forma, côr e luz e eurtimia  
 corporizam-se e brotam como harpejos  
 duma nascente e larga sinfonia.

Abriram-se no ar bocas famintas,  
 que em deliquios d'amor  
 e estiajens de beijos inextintas  
 deliram num inédito furor.  
 Beijos com forma d'ave  
 movem asas de côr como paletas  
 num ondeio volivolo e suave,  
 voar de borboletas.  
 Ei-los bocas e beijos á mistura  
 numa batalha louca,  
 enquanto aquele foje, outro précura  
 misturar-se e fundir-se boca a boca.

Olhos nos olhos!...  
 Aumenta o devaneio  
 em que o meu ser delira.  
 O grande Céu azul, cóncavo seio  
 duma enorme e translúcida safira  
 entrou a liquescer, como se um veio  
 que nascendo e golfando mais se estira  
 brotasse além do Céu e largamente  
 a todo o umedecesse... que eu já cuido  
 que a abóbada celeste resplandente  
 se transformou em fluido.  
 Caem de cima, inponderalizadas,  
 flutuantes e cérulas  
 as gotas iriadas  
 dum orvalho finissimo de pérolas.

Caem e caem, fúlidas, nitentes,  
 chispando brilhos e cantilações,  
 boiastes e trementes,  
 os sois, os astros e as constelações.

Olhos nos olhos!...  
 Meteoros, fuljências a tombar  
 com brilhos de esmeralda e de rubim,  
 surpreendidamente estou a vê-las  
 cair, cair no fundo dêsse olhar  
 e de lá desabarem dentro em mim  
 miriades de estrelas!

Olhos nos olhos!...  
 Via-láctea florida  
 de músicas e astrais lampejos,  
 a resplandente catedral erguida,  
 p'r'os esponsais nervosos dos desejos!...

Bater d'asas inquietas,  
 em que ergue o vôo a aspiração...  
 uma escada de luz, por onde os poetas  
 quasi tocaram o céu da perfeição!

Luz que não se compara,  
 dispersa luz d'olhos extáticos  
 envolvi-me, como uma nuvem rara  
 de mórbidos perfumes asiáticos.

Fitai-me chama viva  
 d'olhos sem brilho e sem alarde,  
 sinto que em ondas musicais deriva  
 a sinfonia murmura da tarde...

Fitai-me e cuido e cismo,  
 olhos esparsos como as brumas,  
 que acaso vou descendo num abismo  
 todo forrado de setins e plumas...

Fitai-me longamente  
 e caiam musicas e beijos  
 perfumes, astros, pétalas e arpejos  
 numa chuva irreal e transcendente!

Agosto de 1905.

Jaime Zuzarte Cortesão.

## Para a Escola Livre

Transporte. . . . .	3\$400
Albino Magalhães. . . . .	500
José Soares . . . . .	200
Bento Sarmento . . . . .	300
António Coimbra. . . . .	200



## Traidores e covardes

Está perpetrada a infâmia universitária.

O foro académico poz-se mais uma vez ao serviço de traiçoeira covardia e, imerjindo em sangue as suas garras criminosas, não hesitou em locupletar as suas façanhas passadas com uma nova manifestação de sentimentos vis e perversos.

Desde há muito, espreitando ensejo oportuno de inutilizar aqueles que se revoltavam contra a sua miserável impudência, encontrou agora num movimento cheio de entusiasmo, cheio de vida, cheio de consciência, asado momento para pôr em acção o seu repulsivo ataque de encruzilhada.

A mocidade coimbrã manifestava-se livre, e ansiosa de mais perfectos processos de ensino.

A pseudo-universidade não podia deixar de sentir-se.

Acanhada nos seus jesuíticos moldes dum autoritarismo feroz seria mesmo incoerente se não patenteasse bem abertamente toda a decrepitude da sua organização irracional.

Mostrou-se; evidenciou dum modo altamente sugestivo toda a sua inquisitorial essência, e num rasgo próprio de quem se sente ofendido pela verdade e ultrajado pela justiça, cla-

mou vingança, ergueu os trémulos punhos para a luz e, nada podendo contra ela, refugiou-se na sombra, tramou, pegou na razão, amordaçou-a, espesinou-a, esfacelou-a, e para saciar ébriamente os seus instintos de malvadez arrojou á face luminosa dos que a atacavam o covarde gládio duma expulsão.

Sem critério de espécie alguma, sem fundamentos de natureza racional, esse gládio foi embotar-se no peito invulnerável de sete membros do movimento libertador.

Não se quis atender, ás alegações de que o movimento foi geral, de que nêle não houve nem imperantes nem imperados.

A pseudo-universidade precisava de vingar-se. A iminência da sua ruina confranjia-a atrozmente, e não podia cair sem que debaixo de seus negros escombros deixasse gravada para sempre a última e a mais decisiva prova da sua eterna ignomínia.

Escolheu, portanto, dentre aquela enorme massa de revoltados sete que representassem, não a síntese ou a supremacia do movimento, mas o intenso espírito de liberdade e de justiça que a todos inflamava.

Nêses sacrificados alimentou o seu ódio, honrou o seu passado, lançou mais uma pedra no vergonhoso edifício da sua história.

Mas, o que certamente não previu, porque não tinha faculdades para prever, é que êsse mesmo acto se há de repetir quando, com a mais completa justiça e com a mais perfeita equidade, de punidora passar a punida.

**Sim, êsse acto há de repetir-se. Os juizes de hoje serão os condenados de amanhã.**

A solidariedade que a todas as academias compete estreitar com os mais sólidos laços da sua dignidade e do seu brio, conduzirá infalivelmente á indispensável demolição do autoritarismo daqueles traidores e daqueles covardes — símbolos vivos duma degenerescência profundamente contaminosa.

Unam-se todos sem distinção de partidos nem distinção de ideas, agreguem-se todos em volta duma só causa — a causa da verdade e da justiça, que não haverá autoridade, não haverá arbitrio nem prepotência que possam resistir á indomável fôrça de suas aspirações.

A *grève* é ainda um dos mais poderosos meios de imposição.

Pois bem. Façam a *grève* geral. Não deixem que mezquinhos in-

terêsses se sobreponham á inquebrantabilidade de suas convicções e não queiram ir enodoar o seu carácter e a sua honra em falsos preconceitos de falsas obediências e falsos servilismos.

O pensamento e o raciocínio não podem admitir êsses ascendentes.

Quebrem-nos, pois. Conquistem todos a inabalável idea de que devem ser livres e despedacem convulsivamente os aviltantes grilhões que os escravizam.

Exijam o império da verdade e imponham como primeira medida de seu exercício a anulação imediata das sentenças proferidas.

Só assim as suas reclamações serão satisfeitas.

Só então o ensino será remodelado, organizando-se escolas livres, formando-se mestres humanitários e bons, e orijinando-se uma instrução duplamente ambicionada como meio emancipador e causa elevadora; — instrução que mais alegremente nos encaminhe na aquisição do supremo bem e da suprema felicidade.

Pôrto, 3 de abril de 1907.

**Alvaro Pinto.**

## TIPO DAS RUAS



## SONETO

Encher a vida de qualquer maneira  
Ter um amor, um sonho, uma ilusão,  
Poder adormecer o coração  
Para esquecer a natureza inteira.

Esta será a aspiração primeira  
De todo aquele que na vida em vão  
Amou um ideal e pelo chão  
O viu sempre cair á sua beira.

Mas nesta abstracção feita da vida  
Por um amor, uma ilusão querida  
Tenha cuidado até quem fôr mais forte:

Que em procurar um sonho que o ausente  
Da miséria e da dôr de toda a gente,  
Talvez só no caminho encontre a morte.

**Campos Lima.**



## L'AVENIR

*Au vingtième siècle, il y aura une nation extraordinaire. Cette nation sera grande, ce qui ne l'empêchera pas d'être libre. Elle sera illustre, riche, pensante, pacifique, cordiale au reste de l'humanité. Elle aura la gravité douce d'une aînée. Elle s'étonnera de la gloire des projectiles coniques, et elle aura quelque peine à faire la*

*différence entre un général d'armée et un boucher; la pourpre de l'un ne lui semblera pas très distincte du rouge de l'autre. Une bataille entre italiens et allemands, entre anglais et russes, entre prussiens et français, lui apparaîtra comme nous apparaît une bataille entre picards et bourguignons. Elle considérera le gaspillage du sang humain comme inutile. Elle n'éprouvera que médiocrement l'admiration d'un gros chiffre d'hommes tués. Le haussement d'épaules que nous avons devant l'inquisition, elle l'aura devant la guerre. . . .*

*Elle aura pour «l'autorité» à peu près le respect que nous avons pour l'orthodoxie; un procès de presse lui semblera ce que nous semblerait un procès d'hérésie; elle admettra la vindicte contre les écrivains juste comme nous admettons la vindicte contre les*

*astronomes, et, sans rapprocher autrement Béranger de Galilée, elle ne comprendra pas plus Béranger en cellule que Galilée en prison. «E pur si muove», loin d'être sa peur, sera sa joie. Elle aura la suprême justice de la bonté. Elle sera pudique et indignée devant les barbaries. La vision d'un échafaud dressé lui fera affront. Chez cette nation, la pénalité fondra et décroîtra dans l'instruction grandissante comme la glace au soleil levant. La circulation sera préférée à la stagnation. On ne s'empêchera plus de passer. . . .*



*On n'aura pas de ces dépenses de luxe. Cette nation aura pour législation un fac-simile, le plus ressemblant possible, du droit naturel. Sous l'influence de cette nation motrice, les incommensurables friches d'Amérique, d'Asie, d'Afrique et d'Australie seront offertes aux émigra-*

*tions civilisantes; les huit cent mille boeufs annuellement brûlés pour les peaux dans l'Amérique du Sud seront mangés; elle fera ce raisonnement que, s'il y a des boeufs d'un côté de l'Atlantique, il y a des bouches qui ont faim de l'autre côté. Sous son impulsion, le longue traînée des misérables envahira magnifiquement les grasses et riches solitudes incon-*



quiconque voudra aura sur un sol vierge un toit, un champ, un bien-être, une richesse, à la seule condition d'élargir à toute la terre l'idée patrie, et de se considérer como citoyen et laboureur du monde; de sorte que la propriété, ce grand droit humain, cette suprême liberté, cette maîtrise de l'esprit sur la matière, cette souveraineté de l'homme interdite à la bête, loin d'être supprimée, sera démocratisée et universalisée. Il n'y aura plus de ligatures; ni péages aux ponts, ni octrois aux villes, ni douanes aux états, ni isthmes aux océans, ni préjugés aux âmes. Les initiatives en éveil et en quête feront le même bruit d'ailes que les abeilles. La nation centrale d'où ce mouvement rayonnera sur tous les continents sera parmi les autres sociétés ce qu'est la ferme modèle parmi les métairies. Elle sera plus que nation, elle sera civilisation; elle sera mieux que civilisation, elle sera famill . . . . .

Cette nation aura pour capitale Paris, et ne s'appellera point la France; elle s'appellera l'Europe.

Elle s'appellera l'Europe au vingtième siècle, et, aux siècles suivants, plu stransfigurée encore, elle s'appellera l'Humanité.

L'Humanité, nation définitive, est dès à présent entrevue par les penseurs, ces contemplateurs des pénombres; mais ce à quoi assiste le dix-neuvième siècle, c'est à la formation de l'Europe.

Vision majestueuse. Il y a dans l'embryogénie des peuples, comme dans celle des êtres, une heure sublime de transparence. Le mystère consent à se laisser regarder. Au moment où nous sommes, une gestation auguste est visible dans les flancs de la civilisation.

L'Europe, une, y germe. Un peuple, qui sera la France sublimée, est en train d'éclorre. L'ovaire profond du progrès fécondé porte, sous cette forme dès à présent distincte, l'avenir. Cette nation qui sera palpable dans l'Europe actuelle comme l'être ailé dans la larve reptile. Au pro-

chain siècle, elle déploiera ses deux ailes, faites, l'une de liberté, l'autre de volonté.

Le continent fraternel, tel est l'avenir. Qu'on en prenne son parti, cet immense bonheur est inévitable.

Avant d'avoir son peuple, l'Europe a sa ville.

De ce peuple qui n'existe pas encore, la capitale existe déjà. Cela semble un prodige, c'est une loi. Le fœtus des nations se comporte comme le fœtus de l'homme, et la mystérieuse construction de l'embryon à la fois végétation et vie, commence toujours par la tête.

Victor Hugo.

## TIPO DOS CAFÉS



DO CENTRAL.

## Escola Livre

Começou a publicar-se um boletim desta projectada escola.

### Para melhor dele darmos idea transcrevemos o que segue:

O fim que temos principalmente em vista ao fundar esta publicação é vulgarizar a idea da Escola Livre.

A educação integral como nós a compreendemos é hoje a aspiração de todos aqueles que se interessam pelas coisas sociais. A extensão universitária tem sido feita em toda a parte sem uma linha lojica e determinada, um pouco ao acaso, sem se ajustar ao desenvolvimento intelectual dos ouvintes. E' preciso coordenar e ligar num plano científico todas essas noções espalhadas a esmo e que por isso se perdem e esterilizam.

A instrução integral do povo supõe essa metodização e não pôde entender-se completa e perfeita sem se iniciar desde as primeiras idades. E' para a creança que devem dirigir-se pois todas as nossas atenções.

A Escola Livre obedece a este espirito. E' uma escola para os filhos do povo, mas uma escola de ensino integral.

Alargando em toda a sua plenitude a sua missão educadora, ella não podia restringir-se ao ensino elementarissimo da leitura e escrita. Essa é da educação a parte material, o instrumento mais perfeito para adquirir noções, mas não pôde por si só satisfazer as necessidades sociais.

Claramente que, na impossibilidade também de abranjer todos os conhecimentos humanos, a educação, e sobretudo a educação popular, terá de restringir-se a um termo médio intelijentemente achado. Assim por-se-hão de parte, num plano geral educativo, todas as especialidades, abranjendo apenas o que é fundamental, tudo quanto é indispensável para se ter uma noção do universo.

A Escola Livre não vem evidentemente resolver o problema da instrução popular em Portugal. Uma escola só para cinco milhões de cidadãos é como uma gota perdida num areal. Considerada sob este ponto de vista não mereceria o esforço de quantos se lhe dedicam já hoje.

A Escola Livre pois será principalmente um exemplo de instrução racional e servirá para fazer deante do publico a demonstração de que só o ensino integralista satisfaz como metodização dos impulsos e tendências dos individuos, equilibrando-os numa vida consciente. Será sobretudo um exemplo de quanto vale esse metodo de ensino e assim poderá contribuir para que algumas escolas já criadas e outras que por ventura venham a criar-se se deixem influenciar pelo mesmo espirito.

De resto, mesmo que a sua acção fique reduzida á educação de algumas centenas de crianças, já o esforço da Escola Livre não será de todo inútil socialmente. Duzentos ou trezentos operários educados conscientemente, com uma noção científica da vida, virão necessariamente a exercer no movimento do proletariado uma influencia que não pôde deixar de ser considerável. Porque ainda hoje o que falta ao operariado português são algumas dezenas de operários mais illustrados que orientem as suas questões, libertando-o assim de influências extranhas sempre perigosas.

Actualmente em Portugal o problema da

instrução começa a interessar o público. Criaram-se já várias instituições tendo por fim exclusivo promover o desenvolvimento do ensino. Várias conferencias tem vindo sendo feitas e os jornais diários, mais preocupados sempre com partidaris-mos e verrinas politicas, já abrem de vez em quando duas colunas de prosa compacta tratando a sério o problema educativo.

Há pouco surjiu a questão da Universidade e o paiz inteiro acolheu as reclamações dos estudantes simpáticamente. O movimento não continua em si senão a aspiração por uma remodelação do ensino e este facto, apesar de tudo quanto se possa supôr do indiferentismo dos portugueses, conseguiu interessar e apaixonar a opinião pública. Um comício foi feito no Pôrto, um comício de protesto contra a má reorganização do ensino e esse comício foi a mais alta afirmação de quanto este povo é capaz ainda de sentir e de se elevar a grandes aspirações.

Terá chegado o momento de todos nos convencermos de que, se queremos existir socialmente, precisamos de nos interessar pelo aperfeiçoamento colectivo, ajindo por nós próprios, sem esperarmos que o Estado-providência trabalhe por nós? Ter-se-há feito luz nos espiritos e compreender-se-há já que em todos os factos de vida consciente, em todas as tendências progressivas, o maior factor é a iniciativa particular? Oxalá assim seja. E assim a Escola Livre seria, em breve uma bela realidade.

Para que o seja, para que a idea e a necessidade da sua fundação se torne cada vez mais conhecida e lembrada a cada passo, se funda hoje este Boletim. Não ficará porém inteiramente restrito a este propósito, pois que a Escola Livre não pôde deixar de ter sempre um carácter de generalidade, que será a sua principal significação. Assim o *Boletim da Escola Livre* será também uma pequena revista de educação, interessando os seus leitores pelos problemas pedagogicos e acompanhando tanto quanto possa todos os progressos que se vão realizando na instrução popular.

### Adesões

Entre outras contamos as de Teófilo Braga, Bernardino Machado, Nunes da Ponte, António José d'Almeida, João de Menezes, Manuel d'Arriaga, Ana de Castro Osório, M. Borges Grainha, Alexandre Braga, Tomás Cabreira, Brito Camacho, Afonso Costa, Trindade Coelho, Maria Veleda, Magalhães Lima e Guerra Junqueiro.

Em Paris, uma parte da colónia portuguesa promove também brevemente um sarau em beneficio da Escola Livre.

Será precedida por uma conferencia de Charles Malato.

Prepara-se para breve e para o mesmo fim um sarau musical num aos teatros do Pôrto.



**Ignez d'Horta**—comédia semi-trágica em 5 actos de Faustino Xavier de Novais—Obra inédita em verso, prefaciada e seguida dum estudo biográfico-literário, onde também figuram peças, não publicadas, e notícias não subidas, pelo Visconde de Sanches de Frias—Livr. edit. Viúva Tavares Cardoso, Lisboa, 1907.

Eis aqui um livro que, pela originalidade da sua factura e pela leveza graciosa do seu dizer, intercala uns momentos de repousadas férias nas nevrosantes exijências do *struggle* fatal.

Pelo seu carácter intrinsecamente sadio e pelo humorismo honesto e alacre que lhe espiritualiza as pájinas, pela incomparável *alegria de viver* que dêle triunfantemente se exala, êste livro arreda-se em bem saliente destaque, da vulgaridade literária que correntemente nos desconcerta a inteligência e acabrunha e dissolve a vontade, amalgamando a nas depressões esterilizantes do sentimentalismo piegas.

Rir é uma necessidade humana; uma necessidade higiênica que o espírito nos impõe; pelo riso se descarrega a tensão eléctrica que nos inteirifica e destrambelha os nervos no esalfamento orgânico dos labores intellectuais duma época acentuadamente típica de *surmenage*.

Mais do que uma necessidade humana, o riso preenche uma importante função social. Zurzir a casquinadas sonoras de riso, retalhar fibra a fibra com os vibrídes acerados da troça ou

as mordacidades subtis da ironia os aleijões ridiculos, grotescos e ocos que sarjam a sociedade com as borbullhas canceradas das suas úlceras é evidentemente uma alta e purificadora função de saneamento social. Não se perderam na banalidade dos esforços inúteis os motejos desdenhosos de Voltaire, como não foram baldadas as mofas acres de Camilo nem aquelas soberbas ironias com que «sôb a caraçã vistosa da Farça» Eça de Queirós sublinhava as caricaturais feições dos seus tipos.

A obra esplêndida de vigor e de graça que, pela causticidade dos humorismos e pelas salubres expansões da zombaria, celebrou na nossa literatura poético-satírica Bocage, o Padre Agostinho de Macedo e Nicolau Tolentino foi por Faustino Xavier prosseguida e, no dizer de contemporâneos seus illustres, abonada com reconhecida evidência de qualidades particulares de natividade e enjenho.

Na obra, porém, que nos ocupa e que se publicou devido aos cuidadosos e solícitos esforços do snr. Visconde de Sanches de Frias, seu devotador admirado, não assume Novais o lado satírico e epigramático que o pôs em conflito com os arrebicados artificios do seu tempo. «Ignez d'Horta», comédia semi-trágica, como a qualifica o seu autor, é uma paródia galhofeira e inocente á *Nova Castro* de João Baptista Gomes. Nos cinco actos em que a acção decorre nunca afrouxa a espontaneidade, a fantasia, a gra-

ça injénua e alada com que, logo nas primeiras pájinas, o autor nos delicia, descrevendo e caracterizando as personagens da peça. Lê-se o livro com interessado encanto, desanuvia-se o espirito com as abertas de riso que êle nos provoca, sente-se intimamente um prazer honesto e salutar embalar-nos numa doce carícia de bondade e de luz, num desafojado repouso das lutas acidulantes da vida e dos botes mortificadores dos egoismos perversos.

Esse inédito, que um literato illustre acaba de arrancar ás ingratidões do esquecimento, tem um raro valor que os estudos atentos de bibliófilos e filólogos posteriormente lhe hão de, sem dúvida, adjudicar. Da rica variedade de vocabulário e da intensa cópia de frases típicas e provérbios, anexins e estribilhos populares recebe a obra uma particular e autêntica injenuidade que deriva na corrente constante de graça que a vigoriza: são êsses elementos valiosos e fecundos para oportunos investigadores da especialidade.

O livro agora publicado tem ainda um apêndice que lhe realça condignamente o valor: são as apreciáveis notas bio-bibliográficas de que o snr. Visconde de Sanches de Frias precedeu e seguiu a comédia de Moraes. Em estilo florido e possante, elas são um documentado manifesto da valia de quem as escreveu.

Ao Visconde de Sanches de Frias, de sobejo conhecido nas nossas letras, e á casa editora da Viúva Tavares Cardoso, que numa rara actividade de esforço tem contribuído para a divulgação de boas obras de literatura e de ciência, prestando dest'arte benéficos serviços á obra de propagação intellectual de que no nosso país carecem os tempos que vão correndo, cabem merecidos agradecimentos dos que amam as belas letras e por elas dedicadamente se interessam.

Januário Leite.

**Excêntricos** — contos de Alberto de Sousa Costa.

Lido que seja o primeiro dos dez contos, que compõem o livro de Sousa Costa, nota-se imediatamente tanto no estilo como nos temas a influência de Eça de Queirós.

Em Arte tudo o que seja a influência absorvente duma determinada individualidade, redonda sempre para o artista em efeitos perniciosos, porque nos deixa nas suas obras um desejo de perfeição atinável, pelo conhecimento prévio que temos dum determinado estalão artístico, e muitas vezes a impressão deprimente duma paródia.

E o Senhor Sousa e Costa, não atinjindo na sua obra como discípulo o alto poder plástico, a força de imaginação reveladora da Vida e o fino humorismo do Mestre, deixa-nos fatalmente indiferentes e insatisfeitos e dá-nos a impressão de alguém que querendo abrir caminho no nosso espirito, o fosse trilhar precisamente nos pontos em que outro viajante mais poderoso o tivesse calcado com tão fundas pegadas, que outrem não possa pelo decalque e pelo sinal sobreposto, marca-lo com impressão emetiva.

Ainda outro defeito apontarei — a abundância excusada de estilo, espalhando frases difusas e magna cópia de adjectivos ociosos, o que de resto se nos apresenta como característica dum defeito maior e vem a ser a flagrante falta de intenção e vacuidade de alguns dos seus contos.

Dito isto, diremos agora o que há de bom nos «Excêntricos».

A par de alguns contos que muito nos agradam pela finura de análise e o poder de ironia destruidora, que os gerou, tais como: o «Doutor Honório», a «História dum urso» e «No país dos bachareis», um há, para nós o melhor do livro, que pela unidade de factura, pela asa de pavor trágico de que é tocada a narrativa e pela sua grande emotividade, revela incontestavelmente a mão dum artista.

E' o «Num cemitério».

Também encontramos algumas páginas de bastante relêvo no «Amôr Feliz».

E por último diremos ainda que achamos abusivo o conto «A Dôr humana», pois que lhe serve de tema a criação da Terra e do Homem, já aproveitado por Eça de Queirós majistralmente no «Adão e Èva no Paraíso», e mais tarde no «Ambrósio das Mercês», por Aníbal Soares.

Jaime Zuzarte Cortesão.

\*

—Recebemos tambem os livros que

a seguir mencionamos, e que só em números subsequentes serão referidos:

Oferecido pelo autor:

«Mefistófeles em Lisboa», de Gomes Leal.

Oferecidos pelo editor França Amado:

«A Sombra do quadrante» de Eujénio de Castro; «Eros» de Cândido Guerreiro; «Bodas de Lia» de Pedroso Rodriguez e «O melhor caminho» de Luís da Câmara Reis.



### Liga pacifista portuguesa

Organizou-se há tempos nesta cidade uma Liga cujos fins são: . . . «fazer uma viva e enérgica propaganda por todos os meios ao seu alcance em prol das ideias da Paz e Arbitragem».

Gostamos, porque é sempre aprazível ver a razão em luta inexorável com o preconceito, e apenas lamentamos que essa simpática iniciativa não tenha a impulsioná-la, muito mais abnegações e muito mais ponderação.

É merecia-o bem essa idea da Paz e de Arbitragem!

\*

Digamos agora alguma coisa sobre o que foi o sarau de 26 de março no Teatro Aguiá de Ouro, promovido pelo Centro Académico do Porto em honra dos Pacifistas Portugueses.

Olhando despreocupadamente o

conjunto do desempenho, certamente nada de severo teremos a exarar em referência a simples *amadores*.

Esmiuçando, porém, e confrontando o programa do sarau com os fins da Liga, já as mesmas expressões não podemos ter.

A Liga pacifista podia muito bem ter feito consistir o seu sarau numa sessão de propaganda. Não lhe seria difícil e ser-lhe-hia muito mais útil. Elucidaria e dar-se-hia a conhecer. Assim, apenas se soube que o sarau era da Liga, porque a Liga o declarou. . . e também porque o discurso inicial recamado de interessante ternura o quis dar a entender.

Depois, nada mais nos deu a impressão dum sarau *pacifista*. Nem as agradáveis composições de Beethoven e Schubert nem o inexpressivo diálogo da afectadíssima comédia *Os Noivos* nem a horrorosa burla *A Morte do Catimbau* nem a curiosa comédia *Uma Pendência* nem o dandismo du-

mas certas poesias nem as banais loas dum cantador de voz regular. Enfim, nada mesmo nada, nos trouxe ao espirito a idea de que aquilo representava uma iniciativa. Tudo nos pareceu *velho*, sem sentido, sem arte, sem verdadeira e lejitima se-dução.



### Ad petendam pluviam

Cá estamos nós outra vez de volta com os *ricos* preceitos da igreja.

Desculpem, se maçamos, mas agora o nosso fim é muito outro.

Vimos curvar-nos reverentes perante a indiscutibilidade dos factos.

Chocou-nos, realmente, a última profecia clerical e queremos confessar, muito contritos, que na verdade a igreja é um excelso *alho*.

Digamos porquê.

Corria branda a noite, uma viração subtil amenizava a suavidade das sombras e... num paço episcopal sua excelência reverendíssima meditava sôbre os perigos que a sêca feição do tempo estava produzindo á agricultura e a outras coisas mais.

Inquieto, como verdadeiro pastor de almas, que não pode ver, sem comover-se, as suas dores e as suas tristezas, pensou, reflectiu, meditou e achou por fim.

Teve uma idea luminosa.

Não a desvendou, mas daí por diante, todos os dias ia consultar dezenas de vezes o céu e... o barómetro.

A revelação divina havia de chegar. Custaria, mas não podia deixar de vir.

Assim foi.

Uma, certa manhã o céu appareceu enublado e o barómetro desceu.

Era a revelação.

Sua excelência reverendíssima ficou radiante e ordenou immediata-

mente preces *ad petendam pluviam*, em toda a parte e durante todo o tempo em que não chovesse.

Nada mais foi preciso.

A chuva veio e com intensidade.

Curvemo-nos, pois, perante tal milagre e penitenciamo-nos de nossas heresias passadas...



### Páscoa

Obedecendo á fatal lei da convenção, celebrou-se nos princípios do mez corrente o habituál conjunto de hipocrisias pascaes.

Falta-nos o espaço para detalhadamente mostrarmos quão insensata é a igreja ao querer manifestar nessas solenidades a morte de Jesús.

Jesús foi um apóstolo do bem e da justiça. Não foi o mono idiota de vestes roxas e faces macilentas que ao publico se exhibe. Não foi esse implacável juiz que o dogma quer impor.

Não. Jesús foi o simbolo da verdade. Jesús foi a síntese da humanidade perfeita.

Querer, portanto, faze-lo representar pela mais exotica das imágens, cercar a *variável* data da sua morte das mais charlatanescas consagrações é, positivamente, a maior das ofensas.

¡Nunca, sem duvida, Jesús, no monte Olivete, em casa de Anás, em casa de Caifás, na presença de Pilatos, no Golgota, na cruz, pensou ou suspeitou sequer que tanto o chegassem a ultrajar!

¡Ainda bem, que há quem o respeite!



### Congresso contra a tuberculose

No eterno pedantismo das exhibições méramente ostentatórias reali-

zou-se no Porto mais um congresso tuberculoso.

Não considerando já se os seus resultados práticos foram apenas o gôzo de viagens baratas e distrações pitorescas, ou se atinjam fundamentalmente o que diz respeito á miséria e á fome das classes proletárias, queremos, contudo, fazer algumas referências a dois pontos do programa das festas.

## 1.º

Dia 6—A's 4, tourada á antiga portugueza na praça da Alegria, organizada pelo clube dos Girondinos.

Está claro. Os clubes *patrióticos* hão de fazer comércio em tudo o que possa visar ao bem público. Idênticamente, os ilustres congressistas deviam divertir-se extraordinariamente com a selvajaria de semelhante espectáculo.

Deve haver até uma certa concordância, entre o espicaçar dos *bichos* e a montaria ao micróbio.

Pelo menos, no que se refere ao intuito de extermínio.

## 2.º

Dia 7—A' 1 hora da tarde cortêjo organizado pelos Girondinos.

Era indispensável.

Xarope de ciência com extracto de carnaval. Está concorde. Os *patrióticos* girondinos não podiam deixar de mostrar-se dignos confrades dos colegas fenianos.

Nota final:

Tanto na *récita* de gala como na *soirée* no Palácio da Bolsa, por ocasião da conferência do sr. F. de tal a *toilette* será casaca ou farda.

¡ Infinito bom-gôsto!

¡ Luxo e mais luxo. ¡ Prazer e mais prazer!

¡ E os pobres tuberculosos que esperem dessas enfatuadas casacas entrave á morte que os espreita!

Não, não é dessa gente nem com êsses processos que lhes virá alívio.

Não é essa gente nem são êsses processos que lhes melhorarão as condições de vida.

Para isso precisavam de mais consciência e menos ostentação.



Numa das últimas sessões do congresso tuberculoso houve alguém que a propósito do brilhantissimo relatório do dr. Reis dos Santos, tivesse as seguintes frases:

«Aqui não é lugar para política. Política fas-se lá fóra». E sahiu.

¡ Suprema imbecilidade!

¿ Com que então considerar a tuberculose como uma verdadeira questão social, parece-lhe fazer política?

Mas esperasse e ouvisse os debates finais em que o dr. Reis Santos esmagou toda essa tacanhez de espírito e avançou, avançou, avançou!... até declarar (*¡ pobres políticos!*) que o orijinal grupo dos quarenta a que êle pertence está muito disposto a fazer a revolução social **sem fazer política.**

★

### «Livres»

Recebemos o n.º 10, referente a abril.

Impõe-se-nos como medida de justiça, agradável referência ao seu primeiro artigo.

Razão: sôb o título de—**Criminosos célebres**—traça justamente a estatura moral dêsse impado literato que dá pelo nome de Paulo Osório e que tam infamemente caluniou Junqueiro.

★

### «A Verdade»

A êste nosso colega de Coimbra agradecemos a transcrição dum artigo do último número da «Nova Silva» e pedimos que, a querer repetir o facto, indique o periódico donde transcreve.



### *Expediente*

Aos srs. assinantes que ainda não efectuaram o pagamento de suas assinaturas pedimos a finesa de remeterem as devidas importâncias para a nossa administração.

### *Colaboração*

Aceitamos toda a colaboração inédita que nos seja enviada. Reservamo-nos, porém, o direito de a inserir ou não, conforme julgarmos conveniente.



Série de 8 números, 200 réis — Avulso, 30 réis  
PAGAMENTO ADIANTADO